

A CURA, ESPIRITUALIDADE E CRENÇA: A CURA QUE VEM DA MATA

Lucielma Lobato Silva – SEDUC/PA
lucielma.lobato@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade discutir os tratamentos de cura e espiritualidade feitos em uma casa curandeirismo, no interior da Amazônia oriental, mais especificadamente no Rio Paruru, localizado na região insular do município de Abaetetuba, cidade da mesorregião do nordeste paraense, Brasil. Nesse lugar, a cura é feita por intermédio do curador, que segundo Mircea Eliade (1998), o curador é a tradução de xamã, para o antropólogo Heraldo Maués (1990) o curador é o xamã na Amazônia. Charles Wagley (1988) no interior da Amazônia os curadores atuam como uma espécie de médicos espirituais. Diante disso, este trabalho aborda a cura espiritual contra o panema, ou seja, a falta de sorte que atinge muitas pessoas na região amazônica. Esse trabalho é desenvolvido pelo curador Orivaldo em sua casa no Rio Paruru. Essa questão será discutida como pano de fundo para entender a importância desses indivíduos – curadores – no interior da Amazônia, especialmente em lugares distantes aonde eles desempenham diversas funções como de médicos, especialistas espirituais, psicólogos, lideranças, entre outras. Assim, por meio da pesquisa de campo malinowskiana, pretendo metodologicamente construir as análises da cura espiritual na ilha Paruru, pertencente a Amazônia Oriental Brasileira.

Palavras Chaves: Cura, Espiritualidade e Curandeirismo.

ABSTRACT

The purpose of this work is to discuss the healing and spirituality treatments performed in a curandeirismo house, in eastern Amazonia, more specifically in the Paruru River, located in the insular region of the municipality of Abaetetuba, a city in the northeastern region of Pará, Brazil. In this place, healing is done through the curator, who according to Mircea Eliade (1998), the curator is the translation of shaman, for the anthropologist Heraldo Maués (1990) the curator is the shaman in the Amazon. Charles Wagley (1988) within the Amazonian healers act as a sort of spiritual practitioner. Given this, this work addresses the spiritual cure against panema, that is, the lack of luck that reaches many people in the Amazon region. This work is developed by the curator Orivaldo in his house in the Paruru River. This issue will be discussed as a background to understand the importance of these individuals - healers - in the interior of the Amazon, especially in distant places where they perform various functions such as doctors, spiritual specialists, psychologists, leaderships, among others. Thus, through the Malinowskian field research, I intend to methodologically construct the analyzes of spiritual healing on Paruru Island, belonging to the Brazilian Eastern Amazon.

Key Words: Healing, Spirituality and Healing.

A cura aqui vem da mata, das gripas das matas.
Nosso corpo fica e a alma vai até as matas mais
distantes procurar a cura (Seu Orivaldo, curador da
do Rio Paruru)

O xamã “ ... é o especialista de um transe durante o
qual, acredita-se, sua alma abandona o corpo para
empreender ascensão ao céu ou descenso ao inferno
(Eliade, 1998:17).

INTRODUÇÃO

A pajelança é considerada, por vários pesquisadores² uma forma de xamanismo e segundo Galvão (1955) é muito praticada na Amazônia paraense, na maioria dos casos é mais encontrada nas regiões rurais. Para Galvão, a mesma tem origem na pajelança dos índios dos grupos tupis, que é resultado da reelaboração de crenças e práticas católicas, kardecistas e africanas, recebendo posteriormente forte influência da umbanda. Em uma de suas definições sobre a pajelança Galvão (1955, p. 45) “um complexo de práticas mágicas que se baseia no poder de determinados indivíduos, os pajés”.

O antropólogo Charles Wagley (1957) também faz uma breve incursão sobre a definição do tema e menciona que prática da pajelança entre a população de Itu possui ainda alguns traços peculiares com a pajelança indígena dos povos de língua tupi, mas também afirma a existência de alguns elementos diferenciados que foram introduzidos por outros grupos sociais. Para o autor os rituais da pajelança têm a função de ajudarem a população lidar com os males que os afligem no seu cotidiano.

Na casa de tratamento espiritual de seu Orivaldo, são feitos vários rituais em busca da cura física ou espiritual, o que nos debruçaremos a entende é o tratamento espiritual, onde uma pessoa acometida de por “espírito ruim”, ou seja, que incorpore seres extra-humanos, é tratada para afastá-los ou para se tornar uma nova médium ou nova pajé. E por meio de um intenso processo que o indivíduo se tona um pajé ou pelas falas de Dumont (1986), se torna uma “pessoa”. Sendo um desses processos, as constantes incursões ao fundo dos rios quase sempre levadas incorporados pelos espíritos e guias, semelhante ao que Wagley (1957) observou em Itá, onde os pajés “são reconhecidos pelo grupo como capaz de realizar incursões ao fundo dos rios, local de morada dos encantados”.

Assim, este trabalho tem como objetivo discutir os tratamentos de cura e espiritualidade feitos em uma casa curandeirismo, no interior da Amazônia oriental, mais especificadamente no Rio Paruru, localizado na região insular do município de Abaetetuba, cidade da mesorregião do nordeste paraense, Brasil. Espaço onde, fiz um trabalho etnográfico, com imersão no campo de pesquisa e investigação.

1. A FORMAÇÃO DO CURADOR DA MATA

O processo de formação do Orivaldo como curador foi marcado por conflitos de aceitação e recusa; sofrimento e vergonha; dor, tratamentos e iniciação ritualística. Todo esse processo foi compartilhado comigo de forma muito tranquila e sem grandes impedimentos. Isso devido já ter passado por uma primeira experiência em campo, a qual me gerou algumas reflexões sobre comportamentos, atitudes, hora certa de pedir, perguntar ou conversar sobre determinados assuntos.

O antropólogo Evans-Pritchard (2005), no apêndice intitulado “Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo”, do livro *Bruxarias, Oráculos e Magia*, faz uma análise interessante sobre a importância de trabalhar em um primeiro campo de pesquisa, finalizá-lo para em seguida iniciar um outro, pois essa é uma experiência cabal para que se possa conhecer e ter uma visão mais ampliada sobre a questão trabalhada. Em suas palavras:

É desejável que o antropólogo estude mais de uma sociedade, embora isso nem sempre seja possível. Se realiza apenas um estudo, é inevitável que perceba as instituições da sociedade estudada em contraste com os de sua própria cultura, e isso apesar de todo esforço corretivo implícito em seu conhecimento da literatura antropológica. Mas quando for estudada em uma segunda sociedade estrangeira, vai abordar a luz da experiência com a primeira – como se através dessas lentes, outra perspectiva -, e isso tende a fazer com que o estudo se torne mais objetivo, ou pelo menos lhe sugere linhas de pesquisa que poderia não se ter aberto (Evans-Pritchard 2005: 245).

Não que eu esteja estudando uma sociedade estrangeira, a partir das análises que fiz da casa de seu Orivaldo, mas nesta observei uma imensa diferença na perspectiva do trabalho de cura, diferença essa, que me proporcionou novas análises sobre a questão. Mas, também pôde me descortinar os olhos, no sentido de ter noção das condições ou momentos em que poderia iniciar uma dada conversa, pedir entrevistas, fotos ou mesmo entender quando deveria me silenciar, para somente acompanhar o dia a dia da comunidade e dos trabalhos. Sem euforia em obter respostas que só viriam com o tempo.

Iniciei meu primeiro contato com seu Orivaldo em 2016, minha intenção inicial era trabalhar em mais três ou quatro casas de curadores da região, mas percebi o universo de informação e vida. A trajetória de vida de seu Orivaldo inicia no Rio Maúba, comunidade ribeirinha situada na divisão geográfica dos municípios de Abaetetuba e Igarapé-Miri. Ele residiu nesta comunidade até a fase adulta até três anos após constituir família, por volta da década de 90 do século passado, em seguida migrou para a ilha Paruru, onde reside até os dias de hoje.

Segundo Orideia, filha de Orivaldo, a descoberta do seu dom se manifestou quando ele ainda estava no ventre de sua mãe: “minha tia sempre contava que o papai chorou na barriga da sua mãe. Ela dizia que já estava grande, e que ela não só ouviu dizer, mas também escutou ele chorar na barriga da vovó” (Orideia, filha do curador Orivaldo, 13 de outubro de 2016).

A memória do Seu Orivaldo sobre as primeiras manifestações de sua mediunidade foi através dos relatos de sua tia paterna, Patuca,

A titia Patuca dizia que eu chorava no ventre da minha mãe, e que isso espantava as pessoas que dormiam perto de mim de noite. Aí eles chamavam gente pra benzer. Depois de benzer parava. Quando eu nasci me levaram para o mestre Dico, e ele falou que eu tinha um dom da terra, e que não era pra deixarem qualquer macumbeiro por a mão em mim, se não, poderiam me roubar as correntes boas. Quando fui crescendo eu fazia muita misura (movimentos com a boca, dentes e corpo, os quais fazem barulho). De noite: gemia, jogava mão, falava de noite, falava com santos. Levantava de noite conversando. E nas [noites de] marés cheias quando eles me olhavam eu estava rezando terço, sentado no chão (Seu Orivaldo, curador da Ilha Paruru, 12 de outubro de 2016).

Após alguns meses do nascimento de seu Orivaldo, sua mãe veio a falecer e deixou Orivaldo, ainda pequeno, e mais quatro filhos aos cuidados do esposo. Como este precisava trabalhar eles foram “criados pelos avós e por nós mesmos” . Orivaldo comentou que o primeiro indício de mediunidade foi percebido pelo seu pai, “meu pai ficava com muito medo de escutar os choros que vinham da barriga da minha mãe, esses choros, dizendo ele, era muito alto e foi ficando mais constantes quando ela tava pra parir”...

A irmã mais velha de Orivaldo que ajudou os avós a criá-lo, Maria José, descreveu como foi esse processo inicial de manifestação do dom:

Depois que o Ori aprendeu a falar, ele ficava o tempo todo dizendo que via uma mulher de branco. Essa mulher aparecia pra ele e convidava ele pra ir pro fundo. Mas eu ficava em cima... tinha medo [...] Parei de estudar pra poder me dedicar pra ele. Eu morria de medo dele morrer afogado, porque quando menos nós desapercebia dele, ele já tava no porto . Eu me desesperava. Minha vida passou a ser controlar os problemas que ele tinha

[...] Mas o pior acontecia quando passava as visões que ele tinha dessa mulher, porque ficava dando febre que durava dias... Eu era uma criança, tinha 12 anos, mas já tinha que me haver com essas coisas... Fazia com amor, mas tinha dias que não dava conta.. (Dona Maria José, irmã de seu Orivaldo, dia 26 de abril de 2017).

As febres mais prolongadas eram acompanhadas de muitas dores no corpo e fraqueza, e deixavam Orivaldo “muito magrinho, ele era muito franzino, magro mesmo, queres ver quando essas coisas ficavam mesmo forte, que nem da comida ele queria saber... Ah, minha mana! Esse pequeno sofreu!” (Dona Maria José, irmã de seu Orivaldo, dia 26 de abril de 2017).

No período da adolescência, a mediunidade floresceu ainda mais, e Orivaldo começou a receber as primeiras incorporações de entidades. Para Maria José, que nessa época ainda era criança:

Foi muito difícil. Meu pai e eu, nós dois sem experiência, e sem saber o que fazer... Toda vez que ele passava mal nós endoidava. [Quando ele piorava] a gente levava ele para benzer com várias pessoas experientes . Eles sempre diziam que o Ori ia ser um grande curador. O papai não queria nem ouvir falar nisso. Queria que isso se afastasse dele [...] Quando ele ficou rapaz, as coisas ficaram bem pior, porque ele forcejava muito. Várias vezes na semana e em qualquer lugar que nós estava, a gente passava nele água benta ou água de colônia comprada em casas de umbanda, fazia defumação forte, passava nele. Depois disso, a coisa saía dele, aí que vinha o sofrimento, ele caía no chão mortinho... Nós continuava a passar água benta e de colônia, devagar ele ia tornando . Quando acordava, não lembrava de nada, mas sentia muitas dores no corpo e febre forte. (Idem).

Essas lembranças também são partilhadas por seu Orivaldo, o qual descreve com certa angústia que:

Quando eu tinha lá os meus doze para treze anos eu tinha muitas visões. Visões com pessoas que pareciam muito bonitas, mas também via gente ensanguentada, morta, em lugar horrível, de sofrimento... Sempre que eles apareciam pra mim (...). Logo em seguida, eu começava a forcejar (incorporar)... Quando isso acontecia, eu ficava numa situação que as pessoas só me contam, porque eu mesmo não me lembro. Mas o pessoal, os meus irmãos me contam, que numa dessas eu quebrei a metade da nossa casa. Fiz isso quando eu tirava com as mãos as madeiras das paredes e piso como se tivessem soltos. Mas estava tudo pregado... Depois eu sofria mais quando as pessoas me contavam... (Seu Orivaldo, curador da Ilha Paruru, 15 de abril de 2017).

Para Orivaldo esse sofrimento era porque seu pai não aceitava sua mediunidade, e que deveria ser tratado para se tornar um curador. Por essa razão, “as coisas só pioravam porque o papai ia comigo, de curador até em pai de santo, pra que eles afastassem de mim o meu dom (risos). O que ia ser impossível, pois eles até

conseguiam afastar por um tempo, depois eles (os encantados) vinham com tudo, me deixavam numa condição de saúde ainda pior...” (Seu Orivaldo, 15 de abril de 2017).

A vergonha e o medo foram as principais razões que fizeram com que a família de Orivaldo não cuidasse de sua mediunidade, e lhe permitisse desenvolver o dom de cura que carregava. Esse conflito resultou em muitos episódios de incorporação marcados por momentos de dores e sofrimentos, os quais deixaram marcas em todos eles:

Um belo dia quando eu me descuidei e ele sumiu, sumiu... Ficamos em desespero aqui! Procuramos por todos os cantos, ninguém tinha visto nada. O certo é que ele amanheceu virado. A gente falava com ele, e ele não respondia, ficava falando sozinho... Eu fui pro porto pegar água pra fazer as coisas da casa, e quando eu terminei, cadê ele? Tinha sumido... Eu chorei muito... Foram horas ele sumido... Quando voltou estava igual um bicho com os olhos vermelhos, tipo assim, vidrados... E com o corpo liso como o da cobra, assim gelado e liso... Foi uma luta pra levar ele pra dentro de casa. Ele quebrou toda a nossa ponte que levava para a puxada . Esse dia foi um desespero (Dona Maria José, irmã do curador Orivaldo, dia 26 de abril de 2017).

As visões que ele tinha com uma mulher vestida de branco voltaram a partir dos seus 15 anos de idade. Mas elas passaram a ser somadas aos sonhos que ele tinha com ela. Sempre dizia que essa mulher nada mais era do que sua mãe, mas aos poucos as pessoas de sua família perceberam que ela não era sua mãe, e sim “um encantado mulher”, que estava exigindo que ele começasse a trabalhar como curador. E essas visões e sonhos passaram a seduzir o jovem adolescente.

Essa mulher aparecia jogando flores pra mim, quando ia pro mato com a minha irmã, ela aparecia, ela cantava. No início eu não via o rosto dela, mas depois ela apareceu, era linda, uma mulher perfeita, não existe nenhuma parecida com ela, me convidava pra ir com ela pro mato. Minha irmã ficava sempre alerta comigo [...] Eu mesmo já ia atrás dela, ia me encontrar com a mulher mais linda que os olhos já viram. Saía sem ninguém ver, ia pra trás de casa, e de repente eu escutava a voz dela me chamando e eu ia fui embora com ela. Ela jogando flores pra mim, batia na minha cara aquele imenso cabelo cheiroso... E eu gostava muito dela, muito[...] (Seu Orivaldo, curador da Ilha Paruru, 03 de maio de 2017).

O curador me perguntou, “a senhora que é estudante deve saber quem era essa mulher, não é?”, eu respondi que talvez fosse a oiara. O futuro curador riu e disse que sim, “ela mesma, a oiara”.

Esses encontros ocorreram ao longo de 15 dias. No término desses dias Orivaldo, já enamorado pela mulher encantada, passou a ter incorporações que não conseguiam ser freadas, isto é, os encantados não abandonavam seu corpo. Permaneceram durante 17 dias seguidos. Saíam apenas por alguns minutos, mas depois logo retornavam. Essa situação causava o que a filha de seu Orivaldo denominou de “um verdadeiro terror, porque isso deixaria meu avô e minha tia em desespero” (Orideia, filha do curador Orivaldo, 06 de maio de 2017).

Seu Orivaldo mencionou que durante esses dias ele não se alimentou.

Eu não comia e nem bebia nada; se tomasse leite de manhã esse era o único alimento que eu conseguia, tinha horas que eles (os encantados) se afastavam eu estava muito debilitado [mas] conseguia tomar banho. O pessoal empurrava as coisas na minha boca e eu comia. Às vezes não conseguia. Do nada via uma sombra de um homem preto passar, aí começava tudo de novo. Forcejava (incorporar) até o outro dia (Seu Orivaldo, 03 de maio de 2017).

Os dias passavam e as tentativas de afastar os caboclos e encantados eram em vão. Orivaldo ficava cada dia mais debilitado, por conta das constantes incorporações, “eu não me lembrava de nada quando eles saíam de mim, ficava tonto, fraco e febril. Quando eles vinham eu sentia um arrepio nas costas e lá vinha de novo...”.

E com um ar de desespero afirmou “era quase sempre o Seu Pena Verde (caboclo índio) que vinha. Ele cobrava do meu pai, ele dizia pro meu pai o que tinha que ser feito”. Mas seu pai resistiu o máximo que pôde, “ele não aceitava que seu filho fosse um macumbeiro, sentia vergonha de mim”, porém no décimo quinto dia das seguidas incorporações, “o caboclo Pena Verde veio em mim, se sentou e pediu um cigarro e cachaça, meu pai deu, bebeu como se fosse água”. Sua vinda tinha o sentido de alerta, uma vez que “ele (Pena Verde) falou da minha missão, que além dele que é meu chefe da corrente, tinha também dona Jarina, a Oiara, mulher das rosas, que eu via, dona Mariana, mais outros que iam aparecendo com o tempo”. Com os olhos cheios de lágrimas falou, “o Pena Verde disse ainda, que se ele não me levasse logo pra tratar de mim, para ser um curador, eles iam me matar” (Seu Orivaldo, curador da Ilha Paruru, 07 de maio de 2017).

Mesmo com esse alerta, após dezesseis dias de incorporações, seu pai não procurou ajuda, deixou o filho trancado no quarto. Vários encantados e caboclos o incorporavam, segundo o curador, quando saía um logo outro incorporava, raros eram os intervalos entre um e outro. Até que um dia

... o Pena Verde veio com toda a força em mim, me levantou do chão, onde eles me deixam deitado e começou a destruir o quarto. Era o quarto do meu irmão [...] Destruiu o quarto todo. Arrancou todas as tábuas pregadas das paredes e do chão. Arrancou as estacas que sustentavam o quarto; não sobrou nada...” (Seu Orivaldo, curador da Ilha Paruru, 07 de maio de 2017).

Dona Maria José ao relembrar o episódio afirmou que

Ele só se quietava quando estava no chão, eu colocava uns lençóis no chão e arrumava ele lá, pra tentar ver se passava. Mas nesse dia, ele ficou endemoniado. Nenhum homem podia com ele [...]. E o pior, é que ele estava muito fraco, magro, sem forças, não dá nem pra acreditar. Mas foi! Ele gritava! Primeiro rasgou todo o lençol, brigava com meu pai, dizia que a culpa da morte do meu irmão era dele[...]. Começou a arrancar as paredes do quarto, depois do chão, derrubou tudo... Foi tudo destruído[...]. Ninguém podia chegar perto porque ele lançava as tabuas em nós com muita força. Ficava na lama arrancando as estacas que seguravam (sustentavam) o quarto. Tirou todas elas, todas... Quando o caboco saiu dele, nós pensava que ele tinha morrido, não tinha pulso, tava gelado, com lábios roxo, um defunto... Mas com alguns minutos ele tornou (recomeçou a respirar) (Dona Maria José, irmã de seu Orivaldo, dia 26 de abril de 2017).

Assim, o primeiro momento, antes da família de seu Orivaldo aceitar o dom que o filho trazia consigo, foi fortemente marcado pelo medo, vergonha, isolamento e a recusa, os quais foram responsáveis pelo raro contato de seu Orivaldo com a escola, uma vez que a criança “não possuía a menor condição de estudar”, levando em consideração as incorporações e o medo de seu pai se de repente “essas coisas acontecessem na frente dos outros”; o resultado é que hoje ele é semianalfabeto, o que não significa dizer que se ele fosse alfabetizado teria um trabalho de cura melhor ou pior, mas que essa questão de não aceitação, formada também pelo preconceito é responsável pelo afastamento do curador da escola enquanto criança pela sua mediunidade devido ao medo e preconceito. Segundo Maués:

Antes de se tornar xamã, o pajé sofre de uma doença chamada localmente de ‘corrente-do-fundo’, que é o indicativo do próprio dom xamanístico. No tratamento a que é submetido o doente de corrente-do-fundo é possível afastar os caruanas, de tal forma que a cura se processe sem que a pessoa precise se tornar xamã. Em certos casos, porém, isso não é possível, especialmente se se trata de um dom ‘de nascença’ e, nesse caso, a cura nunca é completa. Apenas cessam os sintomas físicos, as dores, os incômodos, as perturbações e as possessões descontroladas. Mas, segundo as representações locais, o pajé nunca está realmente curado da doença que o acometeu, pois, a cura completa implicaria numa perda do dom xamanístico (Maués, 1999: 202).

Com o agravamento da situação, e após o décimo sétimo dia de constantes incorporações, o pai de Orivaldo decidiu fazer aquilo que muitos curadores haviam aconselhado: “tratar da mediunidade para que ele pudesse trabalhar como um curador” (Orideia, filha do curador Orivaldo, 06 de maio de 2017).

Diante disso, percebemos que o curador Orivaldo, bem como Dona Neca, chorou no ventre de sua mãe, quando nasceu teve seu dom de nascença aflorado, mas este, por sua vez foi negado, seu pai tentou de todas as formas afastar o filho do Dom trazido com ele desde sua formação fetal. Contudo, nada que fizera foi suficiente para que o alcance de seu objetivo, pois a cada tentativa seu Orivaldo ficava mais debilitado, muitas foram as doenças físicas e espirituais enfrentadas por ele, essa recusa é o que Marcel Mauss (2003) denomina de contradom.

O contra dom é uma energia que impulsiona o retorno da circulação do Dom, pois enquanto ele é negado ou enquanto há a resistência em recebe-lo é engendrada uma série de doenças e problemas que afligem o indivíduo, a única maneira de restabelecer a cura é fazer com que essa energia que lhe foi doada seja devolvida para a circulação, isto é, que o dom seja aceito, e que o médium, portanto, trabalhe com sua mediunidade, recebida, sendo ela de nascença ou não.

Negar o recebimento do dom, isso é, a recusa do mesmo, acaba se tornando uma informação importante, pois ela apresenta-se como um elemento desagregador, fazendo com que a circulação no interior do sistema de dádiva seja prejudicada. Quando o autor pensa nas relações entre humanos e espíritos, no tocante à teoria da dádiva, ele afirma que os espíritos dos mortos, primeiro grupo de seres que os homens estabeleceram contato, “com eles é que era mais necessário intercambiar e mais perigoso não intercambiar, mas, inversamente, com eles é que era mais fácil e mais seguro intercambiar” (Mauss 2003: 206).

Sendo assim Seu Orivaldo foi o recebimento do Dom, o qual foi doado ainda quando estes eram fetos, mas ao longo de seus crescimentos, essa energia em circulação foi negada, fazendo com que eles viessem a sofrer vários infortúnios até resolverem aceitar o Dom e recolocá-lo em movimento, ou seja, devolver ele no sentido de realizar curas e tratamentos espirituais no interior da curandeira. Quanto mais relutava em não aceitar sua dádiva, mas problemas iam surgindo, portanto, o ato de aceitar o dom serviu como primeira cura, pois a partir do momento em que ele se curou, pode começar a realizar curas em outras pessoas. Diante disso, vemos um hibridismo em relação ao dom, contradom e cura, onde não aceitar o dom gera muitos problemas chamados de contradom. Ao aceitar o indivíduo entra em processo de iniciação, representado por diversas liminaridades e interdições que perduram até os dias de hoje, somente no final do processo do ritual de feitura é que podemos ver como a liminaridade pode implicar na possibilidade dos curadores realizarem curas diversas.

2. O TRABALHO DE CURA

Na casa de seu Orivaldo, observei muitos casos de pessoas que chegavam muito debilitadas, mas saía com seus problemas quase sempre resolvidos, variando entre os mais simples como quebranto em crianças pequenas até os mais complexos como depressão. Dentre os vários casos selecionei o de Dona Maria Antônia, Dona Quiquita, a qual foi diagnosticada com depressão, segundo seu Orivaldo afirmou “o que a Quiquita tem é depressão, essa é uma doença causada pelo espírito fraco”¹.

Dona Maria Antônia chegou à casa de seu Orivaldo na tarde do dia 17 de maio de 2017, por volta das 10:00 horas da manhã, é moradora do Rio Maúba, dona de casa e comerciante, atividade que desenvolve nas horas vagas, isto é, quando terminam suas

¹ Seu Orivaldo, curador da Ilha Paruru, 17 de maio de 2017.

atividades domésticas. Essa senhora é sobrinha do curador, de acordo com ela “eu vim aqui porque não aguento mais, preciso de uma solução para esse problema que está acabando com a minha vida”.

Seu Orivaldo pediu para que ela entrasse em sua residência, sentasse em um banco, pois ele já vinha atender. Sentamo-nos bancos que ficam na pequena sala de madeira. Dona Quiquita logo começou a dizer “eu ando muito mal, não tenho sossego, é primeiro uns calafrios que me dar, de repente vem uma vontade de chorar e me matar...”. Após limpar o rosto das lágrimas ela afirmou, “aí eu fico me tremendo, com um frio, às vezes frio e um suor muito forte, parece que tomei banho”.

No meio da calorosa declaração de Dona Maria Antônia, seu Orivaldo saiu do quarto e começou a benzer sua sobrinha. Essa benzeção é constituída por orações do catolicismo como o creio, o Pai Nosso, e outras orações de santos católicos. Depois de mais de 30 minutos ele terminou e na minha frente ele e afirmou:

O que tu tem na verdade é uma forte depressão, que, se você não tratar vai te deixar pirada, com o juízo dobrado. Não fica pensando que foi coisa que fizeram pra ti (feitiço), porque não é. Essa é uma doença do espírito, mas não que alguém tenha feito, mas que tu como tá com o teu espiritual fraco, te deixou pegar; essa coisa começa porque tu fica pensando besteira o dia todo, imaginando que coisas vão acontecer de ruim, aí é isso as forças ruins se aproximam de ti e não saem. Isso é a depressão. Uma doença do espírito fraco, que por estar fraco, deixa outros espíritos maus se aproximarem e causar essa doença (Seu Orivaldo, curador da Ilha Paruru, 17 de maio de 2017).

Em seguida o curador disse:

- Tu precisa se cuidar, tens que começar um tratamento, mas já vou te avisando que não é fácil, tu terá que batalhar junto comigo. Porque essa é uma doença grave, muitas pessoas não dão a atenção que ela merece, por isso eles se matam...

Dona Maria Antônia imediatamente disse:

- Eu aceito sim, foi isso que eu vim fazer aqui! Eu quero a minha cura, quero a solução desse problema que tanto tem me prejudicado. Veja só eu não consigo mais cuidar da minha família, não trabalho mais na mercearia, porque é do nada que vem um calafrio,

um tremor no corpo todo, me jogando fundo numa rede, de lá não tenho força mais pra nada. Isso não pode mais continuar... E quando venho para começar a fazer o trabalho?

Após o aceite de Dona Maria Antônia, seu Orivaldo agendou seu retorno para a quinta-feira seguinte, data de início dos rituais, pois, segundo ele, “é um dia de lua boa para a abertura do trabalho, a maré, às 18:00 horas, estará no início da vazante”. Por volta das 16:00 horas da tarde Dona Maria Antônia chegou no porto do curador, ficou conversando na sala onde os rituais acontecem. Nesse espaço de tempo seu Orivaldo afirma que sua sobrinha precisava fazer 04 sessões iguais que ela ia fazer naquele dia, tomar banhos de descarrego e atrativos durante todo esse período, mas na sua casa.

O curador ainda ressaltou que ela deveria apanhar todas as segundas-feiras os banhos a serem tomados durante a semana, além de perfumes atrativos de energias positivas e alguns amuletos que seriam dados a ela de acordo com o andamento dos trabalhos. No início do mês de junho seria a finalização realizada na Igreja de Conceição, com orações feitas na frente da imagem do Cristo e dentro da própria Igreja.

Exatamente às 18:00 horas o ritual iniciou com o curador rezando três Pai-Nosso, três Ave-Marias e um Creio em Deus Pai, orações católicas. Solicitou que seu ajudante da noite Rosivan Lima² realizasse as leituras em seu Livro de Orações, depois pediu para que ele passasse o livro nas mãos, no peito, nas costas e na cabeça de Dona Maria Antônia, nesse momento a jovem senhora começou a tremer e a sentir um frio intenso. Ela chorou muito e disse que sentia um incômodo no seu corpo, uma vontade de ir embora, mas seu Orivaldo segurou a cabeça dela e continuou a oração. No final desse processo ritualístico o curador entoou uma oração com súplicas de cura ao espírito santo de Deus. A figura 01 nos mostra como o curador realiza as orações, bem como dona Maria Antônia com uma fisionomia um pouco melhor pela situação que estava ocorrendo.

² Rosivan Lima era ajudante do curador, mas havia se afastado das atividades de cura, devido estar trabalhando na cidade de Florianópolis, como soldador em empresas de construção civil. Nesse dia, se propôs a ajudar no trabalho de seu Orivaldo.



Figura 01: Trabalho de Dona Maria Antônia

Fonte: Lobato, 2017.

A figura 02 nos apresenta a maneira pela qual o Curador realiza as orações, podemos ver à direita Dona Maria Antônia. Ao lado do curador vemos o ex-ajudante Rosivan Lima, e no lado esquerdo da figura vemos seu Elias, o pescador que estava acometido por panema, ele se fazia presente para dar prosseguimento ao seu ritual.

O tremor no corpo de Dona Maria Antônia não passava, seu Orivaldo continuou com as orações sobre a cabeça dela, mas não estava adiantando, então, resolveu pegar um líquido parecido com perfume e passou na cabeça dela, colocando as mãos novamente sobre sua cabeça. Em seguidas o tremor acabou. A figura 03 nos mostra o curador com as mãos sobre a cabeça de sua sobrinha, na tentativa de fazer passar o forte tremor e calafrio sentia por ela.



Figura 02: O tremor e calafrio em Dona Maria Antônia

Fonte: Lobato, 2017

No final de todo esse processo apanhou um banho Quebra Barreira e outro chamado Quebra Força do Mal, entregou os para sua cliente e disse:

- Vá tomar esses banhos, primeiro mergulhe na maré que está vazando, se lave com esse sabão virgem (que nunca havia sido utilizado), depois tire o sabão na maré. Em seguida, suba e aqui na ponte, você se joga do pescoço pra baixo primeiro um, em seguida, o outro banho. Quando jogar o último se jogue na maré pra tirar o banho. Aí a senhora vem aqui pra cima.

Dona Maria Antônia fez todo o processo solicitado pelo curador. Ao termina-lo entrou na casa do curador que estava lhe esperando na frente do altar com as imagens de vultos de seus encantados. Pediu para que ela, tomada molhada, se sentasse em uma cadeira de frente com as imagens, com as mãos em sua cabeça iniciou uma espécie de benção em voz baixa que durou 30 minutos. No final, solicitou que tomasse mais dois

banhos, um denominado “Vence Tudo” e outro “Hei de Vencer”, esses, segundo seu Orivaldo, são atrativos de energias positivas.

Esses, por sua vez, deveriam ser tomados no quarto onde estão as imagens dos vultos de caboclos e os elementos de cura, tais como a pedra de raio, a pedra de diamante, os seus amuletos, velas e copos com água e cachaça. Ele saiu do quarto e a deixou tomar os banhos. Com a finalização da sequência de banhos, seu Orivaldo e eu entramos no quarto. A figura 03 nos mostra Dona Maria Antônia após os banhos.



Figura 03: Dona Maria Antônia após os banhos de descarrego e atrativos

Fonte: Lobato, 2017.

Na figura 033 temos uma dimensão do altar do curador, com muitas imagens de santos católicos, mas também as imagens de caboclos que se encontram devidamente organizados no chão do pequeno quarto. Dona Maria Antônia, por sua vez, apresenta a maneira como a comunidade utiliza os trabalhos do curador.

Todo o ritual se estendeu até as 21:00 horas da noite, como a sobrinha do curador mora no rio Maúba, ela se despediu sem conversar muito e foi logo embora. Na segunda-feira pela manhã, a jovem senhora chegou ao porto de seu Orivaldo e nos disse, “tio Ori, eu estou tão feliz, porque foi um único trabalho que o senhor fez e eu já senti uma libertação do meu corpo, passei de quinta pra cá como se aquelas

perturbações tivessem acabado”. E continuou, “eu me sinto curada, mas vou continuar o tratamento, não mais isso na minha vida”.

Assim, ela fez todos os rituais prescritos pelo curador, e afirmou, “hoje eu não tenho mais nada, levo minha vida normal, sem as perturbações, que meu Deus! Eu tava pra perder o marido..., o titio é o cara!” (Dona Maria Antônia, dona de casa e moradora do rio Maúba, 08 de junho de 2017).

04. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: UM CURADOR DA MATA

O curador Orivaldo é um xamã, pois de acordo com Langdon (1996), a noção de xamanismo se caracteriza como um fenômeno que emana de uma coletividade, exteriorizando, através dos ritos, os valores de uma cultura e refletindo sua organização social, formando assim um sistema de representações que expressa e se nutre da, e pela sociedade.

O xamanismo é uma forma de se pensar e organizar o mundo, por meio de uma ordem social e cosmológica, a qual influencia a vida cotidiana das pessoas que nele se inserem, ele é assim um sistema, que forma uma visão de mundo, de cura doenças encontradas no mundo onde este sistema se inserido, quanto a essa análise de sistema de mundo Geertz, afirma:

Lo que conforma un sistema religioso es un conjunto de símbolos sagrados, entrelazados en un todo ordenado. Para sus creyentes, tal sistema religioso parece proporcionar un conocimiento genuino, un conocimiento de los términos en los que la vida tiene, necesariamente que ser vivida (Geertz 1995: 94-95).

Diante disso, o ritual para Geertz é um elemento sagrado, uma vez que ele não pode existir sem o estabelecimento de símbolos, por essa razão o ritual é considerado um elemento sagrado, em suas palavras, um “comportamento sagrado”.

Da convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas. É em alguma espécie de forma cerimonial – ainda que essa forma nada mais seja que a recitação de um mito, a consulta a um oráculo ou a decoração de um túmulo – que as disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existência que eles formulam para os homens se encontram e se reforçam umas às outras (Geertz 1989: 128-129).

A antropóloga Esther Langdon (1996) tece uma crítica nesse sentido, mostrando que a antropologia da religião escrita pelos clássicos, sempre pontuava o xamanismo como um fenômeno pertencente ao domínio da magia, por essa razão:

A magia como um conceito analítico, obscurece-se a visão dos sistemas ideológicos e dos rituais enquanto meios de comunicação. [...] Nós, os civilizados, acreditamos que a magia não tem eficácia. Os mágicos são “charlatões” ou “trapaceiros”. As investigações que abordam o xamanismo como uma técnica de magia e que definem o xamã como mágico, impossibilitam a compreensão do xamanismo como sistema, não nos deixando constatar que é um fenômeno sério e persistente (Langdon 1996: 22- 23).

Por meio das concepções analíticas tecidas por Langdon (1996), é possível entender o trabalho de seu Orivaldo como um trabalho que se estabelece para além do ritual em si, ele está envolvido com o social, com uma ontologia social. Isso se explica pela organização do saber que ele, como uma pessoa comum, possui com o sagrado. Constitui-se em um grande especialista da alma humana, posto que só ele pode vê-la, e conhece sua forma e seu destino (Langdon 1996).

O xamã, como já vimos, possui o reconhecimento pela comunidade que necessita de seus tratamentos devido em primeiro lugar, ter sofrido a ordem extática, a qual pode ser: os sonhos, o transe, os chamados - que em si já constituem o processo de iniciação de um xamã, a segunda é o aprendizado tradicional de técnicas, nomes e funções de espíritos, a linguagem com os guias e a manipulação das plantas e elementos de cura. Em várias sociedades, segundo Langdon (1996),

Curar é um papel bastante frequente do xamã e, em alguns casos, o único. Além disso, as culturas sul-americanas são caracterizadas por vários rituais para proteger contra a poluição ou para a manutenção da higiene. No seu livro Pureza e Perigo, Mary Douglas (1966) demonstra claramente que questões de saúde não são separadas de preocupações religiosas, mesmo dentro da nossa tradição judaico-cristã (Langdon 1996: 25)

Como já fora mencionado, Lévi-Strauss (1970) tece uma forma possível para que um xamã tenha eficácia em seu trabalho, sendo necessário que próprio xamã acredite no poder cura, a pessoa que necessita de seus cuidados precisa acreditar que ela será curada e, por fim, a comunidade precisa acreditar nos trabalhos desenvolvidos pelo xamã. Sendo assim, os poderes dos xamãs são interinamente pautados no aval do coletivo, podendo se apresentar com forma técnica e ritual diversa, conforme o contexto sociocultural.

Assim, não é nossa intenção saber se de fato ocorre a cura ou mesmo se há o contato com os encantados nos trabalhos sem incorporação, mas em saber como a comunidade interage com os trabalhos de seu Orivaldo, e como vimos muitos têm confiança nos trabalhos desenvolvidos pelo curador, especialmente após a mudança das formas de curas, por fim ele mesmo acredita na eficácia de seu trabalho.

4. REFERÊNCIAS

BARTH, F. *Cosmologies in the making. A generative approach to cultural variation in inner New Guinea*, Cambridge University Press, 1995.

_____, 2000. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

DA MATTA, Roberto. 1973. Panema: uma tentativa de análise estrutural. In. *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis: Vozes.

DUMONT, L. , 1983 *Essais sur l'individualisme. Une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*, Paris, Seuil.

E.EVANS-PRITCHARD, Edward. 2005. *Bruxaria, Oráculo e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar.

GEERTZ, Clifford. 1995. Ethos, vision del mundo y analisis de los símbolos sagrados. In: RUEDA, Marco Vinicius; YANES, Segundo Moreno (Orgs.). *Cosmos, hombre y sacralidad: lecturas dirigidas de Antropologia religiosa*. Quito: Ediciones Abya-Yala.

_____. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan,

LANGDON, E. 2007/1996 b. Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia. In *Performáticos, Performance e Sociedade* (João Grabriel L.C. Teixeira org). Brasília, Editora Universidade de Brasília. Pp. 23-29.

MAUÉS, Raimundo. 1990. *A ilha encantada: medicina e xamanismo*. Belém: Universidade Federal do Pará.

MAUSS, Marcel. 2003. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify

WAGLEY, Charles. 1988. *Uma comunidade amazônica*. Brasileira. Editora Nacional, São Paulo.